

Introdução

O presente trabalho possui como objeto material o estudo do convite à *kenosis* ao seguidor de Jesus Cristo conforme exortada em Fl 2,5 e sua consequente ação no mundo. Entende-se que o convite exposto no verso citado cria um nexos íntimo quanto à configuração e conceptualização do tipo e do modo dessa *kenosis* nos mesmos padrões da *kenosis* de Jesus Cristo. Por isso, se justifica que o estudo se dê primeiramente no trecho do hino cristológico encontrado em Fl 2,6-11 sendo necessário para a construção de dito paradigma.

Assumindo que Jesus Cristo em sua encarnação, vida, ministério, morte e ressurreição se estrutura como definidor e modelo de despojamento, resta ainda encontrar um elemento que possa unir as duas estruturas, o qual possa permitir o salto qualitativo desse ser humano enquanto pessoa de fé para um seguidor identificado dentro do recorte do discipulado. Para tanto, identificou-se o tema da esperança cristã, em seu viés escatológico, como o facilitador de dita ligação por promover uma “ressignificação” das estruturas existenciais e históricas de cada pessoa em razão de seu objeto último, o qual se identifica como o Cristo ressuscitado. Assim, o caminho escolhido para discursar sobre o tema deste trabalho se encontra na *kenosis* do Filho e na esperança que é despertada por seu evento histórico.

A escolha do tema foi motivada pela percepção de atualidade que essa exortação parece ter adquirido em razão de um espírito de busca por recolocar o tema sobre Deus na pauta da vida cotidiana oriundo de um esforço das organizações religiosas e, também, pelo simples anseio do homem comum em poder identificar algo de transcendência em uma estrutura demasiadamente materialista e controladora. Poderia se afirmar que se faz necessário encontrar outras linguagens para se falar do mesmo evento de fé. O discurso teológico-pastoral construído até aqui não parece aproximar o ser humano de Deus, ao contrário, por vezes, o afasta. Parte disso está relacionado com uma “imagem” construída a respeito do Deus cristão, a qual se constitui mais em caricatura do que em revelação. Uma construção que se deu de forma necessária e em resposta

ao “espírito” de sua época, mas que se congelou no tempo deixando de comunicar a palavra de vida (cf. Jo 6,68).

Esse desafio não é exclusivo desta sociedade atual, à época de Jesus e dos doze a concepção acerca de Deus estava distante de um Pai de amor que vem ao encontro de seus filhos e que se preocupa com suas necessidades mais simples. Não que Deus não fosse nomeado como Pai, ou que deixasse de receber o predicado de “amor”; mas, que esse título era formal e estava vinculado mais a uma estrutura de hierarquia patriarcal do que a uma percepção de proximidade. Por este motivo, a encarnação se torna um “escândalo” e um “mistério” (cf. 1Cor 1,23) ao trazer um Deus para o plano humano e, indo mais ousadamente, ao coloca-lo como ser humano e um que caminha entre nós. A encarnação insere definitivamente Deus na história humana, ou poderia dizer que permite que Deus irrompa em meio à história humana. Por isso, a *kenosis* apresenta um “novo rosto” para Deus, um rosto que pode ser tocado, que expressa sofrimento e abandono, e que se torna capaz de sorrir e acolher.

O Deus que vem despojadamente abre caminho para que o ser humano possa ir até ele, trazendo isso que sempre esteve distante (espaço), no futuro (tempo), para perto, para junto, a *kenosis* se apresenta como escatológica ao produzir este efeito. O que desperta no ser humano a esperança para um “novo” acolhendo a esse Deus que vem, sendo acolhido por ele e promovendo o lançar-se em sua direção. Esse “toque” divino marcou uma esperança no coração humano, a do encontro final, mas nunca esgotado, porque em Deus todas as coisas são feitas novas continuamente (cf. Ap 21,5).

Assim a *kenosis* do Filho (encarnação – vida – morte – ressurreição) revelou a um Pai de amor e uniu, em si mesmo, cada ser humano a Deus. Cristo é o rosto de Deus. Uma autodoação completa em plenitude de amor e graça. Contudo, tamanha revelação correu o risco de permanecer congelada em um determinado período histórico, passando a existir como uma mera lembrança, ainda que forte e com poder de afetar o presente por sua rememoração. Isso ocorreria se nessa revelação não estivesse contido o futuro. O Reino de Deus começou a ser desfrutado na presença histórica de Jesus (cf. Mt 12,28), mas é apresentado como ainda apto a uma plenitude (cf. Jo 14,1-3), sem que tenha que permanecer preso a um passado ou a um futuro, ele pode ser vivenciado no hoje (cf. Lc 17,20), pode ser trazido ao presente na vida de cada seguidor de Jesus Cristo.

Aqui se encontra a centralidade da argumentação deste trabalho: demonstrar que o Reino de Deus pode ser vivenciado hoje pelo ministério de serviço dos seguidores de Jesus. Afinal a revelação do Pai de amor precisa inundar o mundo para que sua “voz” seja novamente ouvida nas mentes e nos corações.

Contudo, a construção desse Reino se dará nos mesmos moldes apresentados por seu fundador: amor e serviço. Um agir salvífico que vai na direção de todo e qualquer ser humano, e quanto maior for a necessidade, maior será a entrega:

A fecundidade histórica do messianismo de Jesus não será, portanto, fruto do poder, mas do serviço mais humilde, que começa a partir de baixo, resgatando a todos a partir dos mais pobres, oprimidos e diminuídos da sociedade. O caminho de Jesus de Nazaré, reconhecido e proclamado Messias de Deus, irá em curva descendente, sempre para baixo, até desembocar na morte. Será um caminho difícil e doloroso. Deverá fazer-se entre a recusa de uma salvação que poderia ser fuga das realidades deste mundo em nome de uma espiritualidade desencarnada e a recusa de uma salvação que prefere ao perdão e à misericórdia gratuita e sem limites a violência dominadora¹.

Por ser esse o modelo de entrega de Jesus Cristo, como poderia seu discípulo almejar destino diferente? O caminho do discípulo é o mesmo de seu Mestre: “O servo não é maior que seu senhor” (Jo 15,20). Devido a isso a exortação de Fl 2,5 se torna urgente e atual. Somente há um meio de se revelar o Deus de amor ao mundo, é vivendo como Jesus Cristo viveu. Assumindo a mesma radicalidade e compromisso de entrega que ele assumiu.

O cristianismo precisa se reposicionar na história, se tornar uma religião que construa um modo de viver e que não fique preso a discussões vazias de conceitos e sistemas sem que estejam envolvidos em um objetivo de fecundar a vida de todos os homens; caso contrário, corre o sério risco de se tornar um mero capítulo em algum livro futuro sobre a história das religiões.

A *kenosis* a qual o discípulo é convidado a assumir permite esse despojamento de uma religião “distante”, “alienada”, para trazê-lo para perto das pessoas. É no contato com os outros que a verdadeira religião cristã se constrói. E, por isso, a humanidade se torna em irmandade, em comunidade. Permitindo que o Reino se infiltre até os confins da terra. Porém, a orientação metódica desse trabalho está focado na relação “eu-tu”, na estrutura mais básica da trama social,

¹ BINGEMER, M. C. *Jesus Cristo*, p. 89-90.

por entender que para chegar a mudar instituições e sistemas político-econômicos é preciso afetar o modo mais simples das relações humanas. Sem que com isso se ignore o papel sócio-político do cristianismo, mas se permitindo dar “um passo atrás” para propor um agir onde a autodoação e despojamento parecem ser mais difíceis de serem exercidos, que é na vivência diária com aquele que chamamos de próximo. Objetivando tornar o envolvimento no seguimento ainda mais radical porque nessa célula base o discípulo não teria como se esconder, disfarçar ou amenizar sua responsabilidade por detrás de estruturas religiosas (ações coletivas organizadas de ajuda humanitária) que impediriam a “denúncia” de sua inatividade.

Qual o papel da temática sobre a esperança cristã neste trabalho? Em primeiro lugar, ela se apresenta como a viabilizadora de uma nova visão de mundo, uma reconfiguração de cosmovisão. O papel hermenêutico da esperança ao permitir, devido ao seu estatuto escatológico, que o Reino de Deus em plenitude de futuro possa afetar a realidade presente por meio da efetiva atualização da promessa na vida dos seguidores do Ressuscitado. O conceito de escatologia enquanto o estudo não das coisas últimas, mas como o das coisas em suas últimas possibilidades, plenitude, abre espaço para que o cristianismo “aterrisse” novamente no “chão” da história: “A uma teoria para a qual o *eschaton* é um predicado da existência respondem (Moltmann 1964; Metz 1968) teorias para as quais *eschaton* é instância fecundante de uma prática histórica”². E, ainda: “A escatologia une-se à teologia da criação na questão sobre o que Deus propriamente pretende e tenta suscitar responsabilidade para com o futuro frisando a urgência de agir no presente”³.

Em segundo lugar, por ser a denunciante do evento Cristo como capaz de infundir um futuro real e verdadeiro, tornando o caminho fortemente objetivado na pessoa do Ressuscitado. A esperança cristã vai se apresentar, então, como a estrutura na qual a *kenosis* pode se prestar ao Filho e ao discípulo. E, por isso, não deve ser apresentada como triunfalismo e, sim, como serviço por ter claramente identificado seu objeto como o Cristo. A vida dele não permite que a esperança que dela emana seja encarada como alienação das realidades históricas, fugindo

² LACOSTE, J.-Y. Esperança. In: LACOSTE, J.-Y. (Dir.). *Dicionário crítico de teologia*, p. 647.

³ VORGRIMLER, H. Escatologia/juízo. In: EICHER, P. (Dir.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 235.

do enfrentamento de estar junto com aquele que sofre. A esperança deixou de ser passiva na discurso teológico para ser ativa na práxis do Reino. J. Comblin considera que a esperança cristã não pode ser confundida com a realização do sucesso da igreja, pois isto a afasta da concretude do Reino⁴. Não é a espera por um céu “mágico” que realiza todos os desejos frustrados no presente⁵. E, nem, pode ser uma fuga da vida real⁶. Sobre este último item ele comente: “Em todos esses casos existe a suspeita de que a esperança seja apenas uma fuga da vida real, uma incapacidade de aceitar a realidade, e uma projeção inconsciente num mundo de fantasia”⁷. A esperança cristã é promotora da *kenosis* no discípulo por lhe oferecer uma nova dimensão de existência, um viver na esperança.

Ainda restam duas questões as quais se apresentam frente a exortação de Fl 2,5: É possível imitar a Jesus Cristo? Qual o limite do despojamento do discípulo? A fim de responder a primeira pergunta se faz necessário afirmar a plena humanidade e plena divindade de Jesus Cristo. Especialmente no caso de que na primeira se desenha o caminho para a possibilidade de se viver na direção desse “modelo” de ser humano que ele foi, e que por ser um de nós, permite que estejamos inseridos em união com ele e com o Pai. A segunda pergunta encontra sua resposta não no discípulo, mas no necessitado, no que chamamos aqui de “o outro”. O limite da entrega do discípulo se encontra na mesma razão da necessidade do outro. Assim como Jesus se entregou à vontade e à liberdade dos seus algozes.

Em razão do exposto, levanta-se a hipótese de que o seguimento a Jesus Cristo é um seguimento radical de autodoação sem reservas ao outro nos limites de sua necessidade; pois, o amor não encontra limites. E, que o convite feito em Fl 2,5 é um convite a este tipo de seguimento, sendo, portanto, necessário para a vida comunitária e se apresentando enquanto paradigma de cidadania do Reino de Deus. Um chamado à uma vida em missão.

Para tanto, este estudo dar-se-á na identificação e conceptualização do termo *kenosis* especialmente recortado de dentro do hino cristológico de Fl 2,6-11. Por escolha metódica, optou-se por não fixar este estudo em um único autor, mas foi o intento o de percorrer, em abordagem sistemática, a diversos autores cristãos e

⁴ Cf. COMBLIN, J. *Viver na esperança*, p. 14.

⁵ Cf. *Ibid.*, p. 15.

⁶ Cf. *Ibid.*, p. 16.

⁷ *Ibid.*, p. 16.

não cristãos, católicos e protestantes, por meio de revisão bibliográfica, visando alcançar uma amplitude de percepções, as quais permitam que a complexidade deste conceito revele a profundidade de sua essência e as riquezas e intercessões das reflexões teológicas derivadas dele. Ainda, assumiu-se o texto em sua apresentação canônica sem o intento de lhe realizar um estudo exegético, limitando-se a um breve estudo sobre o termo e o hino almejando identificar as peculiaridades dessa relação com o objetivo de oferecer base para definição de uma linguagem para esse “despojamento” do Filho. Devido a isso, estabeleceu-se uma escolha por nomear o conceito que a *kenosis* carrega como “autodoação”, por se entender que dito termo acolhe tanto a liberdade da ação de quem se entrega, quanto sua gratuidade.

O presente estudo encontra seus limites em não abordar de modo mais amplo o assunto sobre a chamada “questão quenótica”, nem especificidades sobre a “Teologia da Esperança” como considerações sobre seu fundador, J. Moltmann, ou embates e críticas que desviariam o curso e objetivo funcional da esperança cristã nesta reflexão.

A fim de construir a argumentação, escolheu-se apresentar o tema no seguinte agrupamento e disposição: No capítulo primeiro, procurar-se-á apresentar o conceito de *kenosis* e estabelece-lo como autodoação; em seguida, o despojamento do Filho será exposto enquanto ato de revelação do Pai e de salvação; apontando a Jesus Cristo como o máximo exemplo de abandono de si mesmo em prol dos outros em uma espécie única de senhorio-serviço. No segundo capítulo, o tema da esperança passará a ser exposto enquanto estatuto escatológico; tendo no Cristo ressuscitado seu objeto último; sendo fruto de seu agir salvífico em meio aos homens; e, oferecendo-se enquanto agente hermenêutico para tornar presente o Reino de Deus. No capítulo terceiro, os mesmos passos indicados no primeiro capítulo ao se tratar sobre a *kenosis* do Filho se apresentarão enquanto construção da *kenosis* do discípulo; assim, se estabelecerá a autodoação do discípulo enquanto revelação de Jesus e do Pai; e a radicalidade de sua entrega até a cruz enquanto condição indispensável ao discipulado; finalizar-se-á com a concepção de que o discípulo deve se apresentar a humanidade como servo desta, e por meio de sua vida construir o Reino de Deus.

Por último, como anseio pastoral, este trabalho almeja se apresentar como singela contribuição para um convite a uma revolução orquestrada pelo amor ao próximo. Refletindo sobre a exortação de Fl 2,5 para que os filipenses imitem a Jesus Cristo, contudo, encontrando em Fl 3,17 outro convite, o que chama para que os mesmos filipenses sejam imitadores do apóstolo. Entendo que nenhuma contradição há, fica reforçado a concepção de que o discípulo é o meio de revelação de Cristo ao mundo. E, por mais que soe como demasiada responsabilidade, e, o é, a humanidade carece de um cristianismo vivo e transformador. Almeja por um evangelho que demonstre na prática o poder do amor que este tanto apregoa.

Resta, ainda, um convite para que se percorra a dimensão mais profunda do seguimento à Jesus: a dimensão da *kenosis*. Somente aí se cumprirá um evangelho que atualiza a mensagem do Reino: “Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25,35-36). Compreendendo que o amar radicalmente não é uma possibilidade dentro do cristianismo, mas a própria definição de discipulado.